

G. DE VASCONCELLOS-ABREU

OS

CONTOS, APÓLOGOS

E FÁBULAS DA ÍNDIA:

INFLUÊNCIA INDIRECTA

NO

AUTO DA MOFINA MÉNDEZ,

DE

GIL VICENTE



LISBOA

IMPRESSA NACIONAL

1902

EM HONRA DE GIL VICENTE

Dios mantenga a vuestra gloria!
Ya veis que estamos acá
muy allegres soncás ha
de vuestra nhueble vitoria.

Gil Vicente, (AUTO PASTORAL CASTELIANO)
Ed. gól., 1561, fól. 4, 2^a.

8 de junho de 1902.

AO

DR. JÚLIO DA GAMA PINTO

A NOVELÍSTICA
É PRODUTO PSICOLÓGICO SOCIAL

I

A

NOVELÍSTICA INDIANA

E INFLUÊNCIA NA

MOFINA MÉNDEZ

«... il reste à tout le moins au modèle l'in-
signe honneur de lui avoir servi».
Paul Stappfer, RABELAIS, SA PERSONNE,
SON GÉNIE, SON ŒUVRE, 2.^a ed., 3go.

I

Os produtos psicológicos têm por base elementos comuns a todo ente de sistema nervoso. A psicologia humana há de necessariamente, pois, mostrar paridade nas manifestações do operar irreflectido social e da actividade literária anónima de uns e outros povos, ainda que não possa-

mos conhecer entre os produtos laços históricos. Quando porém determinemos a via histórica pela qual certos produtos de criação mais ou menos anónima entraram na fôrça operativa de trabalhos artíficiais, cumpre-nos, em tal caso, considerar a arte consciente com que o artista deu realce ao modelo na obra executada, e o modo por que o conheceu.

Este é o primeiro elemento da crítica logo que se encontrem as analogias; aquele é o segundo, para a apreciação da obra, que se não é original pelo conceito, fundamento dela, é todavia, como obra de arte, reveladora do talento que a afeiçoou. A concepção pode ser grande; mas se não tiver grandeza de execução, se não for realizada com apresentação correspondente, perde em utilidade, no ponto de vista do aproveitamento material, e no de exemplo moral da beleza.

Nestes casos está a novelística da literatura oral tradicional de diferentes povos, e o aproveitamento que dela haja feito conscientemente um indivíduo.

É grande o tesouro hoje conhecido, ajuntado em povos de cultura de espirito de quilates muito diversos: uns sem tradição escrita, de civilização rudimentar ainda hoje, pelo menos de grau muito inferior; outros, povos com tradição escrita, em cujos monumentos literários e architectónicos podemos estudar-lhes as tradições. (Veja-se: *General Cunningham, STUPA OF BARHUT, TERGASSON, TREE AND SERPENT WORSHIP, Furtwängler, VASENCATALOG DER BERLINER MUSEUMS*, 1885, e *Albert Grinwedel, BUDDHISTISCHE KUNST IN INDIEN*, 1900, *Handbücher der Königlichen Museen zu Berlin, Museum für Völkerkunde*). Alguns povos há que chegaram a utilizar as tradições, que por largo tempo correram oralmente no decurso do seu viver social, e as utilizaram na doutrinação e ensinamento; e povos há que, tendo recebido de estranhos as tradições anónimas, as entesouraram como próprias e até lhes deram forma literária consciente e individual de artista responsável.

II

A NOVELÍSTICA ORAL

E

A NOVELÍSTICA FIXADA PELA ESCRITA

Exemplos de povos de cultura rudimentar, cuja novelística correu oralmente nos seus exórdios, é a de todos de quantos possuímos fábulas, contos, apólogos e até adágios. Ainda actualmente existem nessas condições, além de outros povos: os Hotentotes, os Zulos, os Bundos.

São conhecidos os contos e fábulas hotentotes desde 1838, pelos trabalhos de *Sir James Alexander*, «EXPEDITION OF DISCOVERY INTO THE INTERIOR OF AFRICA». Londres. Têm-nos coligido depois outros investigadores, e especialmente é conhecido o número de 42 fábulas e contos que o alemão, *W. H. I. Bleek*, deu à estampa, em Londres: «REYNARD FOX IN SOUTH AFRICA, OR HOTTENTOT FABLES AND TALES», 1864, Tribner & Co. De contos zulos posso apontar a colecção publicada

pelo *Rev. Canon Callaway*, «NURSERY TALES, TRADITIONS, AND HISTORIES OF THE ZULUS, IN THEIR OWN WORDS, WITH A TRANSLATION INTO ENGLISH AND NOTES». Natal. Possui unicamente o 1.º vol., 1866-68. De Angola cito a colecção apresentada a público pelo meu amigo *Héli Chatelein*, «FOLK-TALES OF ANGORA», Houghton, Miffling & Co., Cambridge, Mass.

De povos de cultura elevada temos:

a) Contos do Antigo Egipto, de mais de 3000 anos antes da nossa era, trazidos a lume pelos esforços de homens de ciência, tais como *Rongé*, *Goodwin*, *Chabas*, *Golemischef*, *Renillout*, e de que cito aqui a colecção traduzida em francês por *Maspero*, «LES CONTES POPULAIRES DE L'ÉGYPTÉ ANCIENNE», Paris, Maisonneuve, 1889, 2.ª ed., e a colecção em inglês por *Flinders Petrie*, «EGYPTIAN TALES TRANSLATED FROM THE PAPYRUS», First Series: IVth to XIIth Dynasty, Second Series: XVIIth to XIXth Dynasty, London, Methuen & Co., 1895-1899;

b) Fábulas de Esopo, que, já na antiguidade grega, Sócrates recitava dando-lhes feição artística em verso; conhecidas e clássicas no estudo de humanidades, comentadas por bons helenistas, accomodadas ao ensino do grego que se ministrava nas escolas; as fábulas de Bábrio; e devemos aqui mencionar as latinas, em versos jámbicos, de Fedro;

c) Fábulas, apólogos e contos, da Índia, de que adeante se dirá;

d) Fábulas e contos da China, cujo conhecimento veio à Europa muito morderamente, por trabalhos de *Stanislas Julien*, «CONTES ET APOLOGUES INDIENS INCONNUS JUSQU'À CE JOUR, SUIVIS DE FABLES ET DE POÉSIES CHINOISES», Paris, Hachette et Cie, 1860, de *N. B. Demys*, «THE FOLK-LORE OF CHINA», London, Trübner & Co., 1876;

e) Fábulas e contos árabes, de que são muito conhecidas as «FÁBULAS DE LOCMAN», ainda há pouco verdadeiras em português e parafraseadas em versos hebraicos pelo meu amigo *José Benichiel*,

«FABULAS DE LOOMANN», Lisboa, Imprensa Nacional, 1898, e «As Mir. e Uma Noites», conhecidas por mim (e quantos mais), desde a infância, por narração oral e mais tarde por leitura, em tradução portuguesa;

f) Novelística europeia, nestes últimos tempos estudada tão proficiente e proficuamente na Alemanha, na Rússia, na Inglaterra, na Itália, em França, etc., e cujos investigadores mais notáveis em Portugal têm sido: os meus amigos *Dr. Francisco Adolfo Coelho*, e *Zófilo Consiglieri Pedroso*.

III

A NOVELÍSTICA INDIANA:
DIFUSÃO,
CARÁCTER, PRINCIPAIS TEXTOS

Os contos, apólogos e fábulas da Índia propagaram-se pelo Oriente: Sião, China, Japão, Mongólia, Tibete, etc.; e pelo Occidente: Pérsia, Arábia, e por toda a Europa. Foi conhecida a novelística indiana na Europa por via indirecta, para nós a mais interessante, e por via directa posteriormente. Trouxeram-na por via indirecta oral as invasões mongólicas, o comércio e as cruzadas, e literariamente os Árabes, e, em tempo moderno, livros chins. A via directa é moderna e é toda literária: é devida ao estudo do sânscrito e do páli. A via indirecta deparou-se-nos logo ben rasgada pela tradição, que até nós chegou trazida, na Idade-Média, muito notóriamente por livros árabes e judai-

cos; depois, no século XIX, o estudo de livros chins trasladados a francês por *Stanislas Julien* (Paris, Hachette e Cie, 1860) deu conhecimento de apólogos búdicos denominados *avadanas*, a vadañā em sânscrito, a padānā em páli, *i. e.*, «Gestas (de Buda)». *Vide* adiante.

A difusão directa e indirecta, por todo o Mundo, começou antes da nossa era e continuou até os nossos dias (momentaneamente na Europa). Têm escrito acêrca da novelística indiana e discutido a analogia e paridade dela com a grega e a europeia da Idade-Média, a dependência mútua e independência respectiva, homens doutíssimos, de entre os quais são geralmente conhecidos: *Silvestre de Sacy*, *Loiseleur Deslongchamps*, *Berfey*, *Weber* (*Albr.*), *Oesterley*, *Max Miller*, *Fausbøll*, *Rutherford*, *Rlys-Davids*, *Marcus-Landau*, *Bickell*, *Kēith-Falconer*, *Léon Feer*, *Morris*, *Coppell*, *Chalmers*, *Rouse*, *Guidi*, *J. Derembourg*, *H. Regnier*, *Gaston Paris*, *Kern*, *Barth*, *Joseph Jacobs*, e *Joseph Bédier*.

Nem da Grécia, nem do Egipto, nem de outra nação possuímos tão vasta literatura novelística como da Índia antiga. Em parte nenhuma esta literatura tem, como na Índia, a continuidade histórica e feição tão adequada ao carácter do povo a que ela pertence.

A via directa, pela qual temos conhecimento da novelística indiana, é de textos em páli (*Jātakas*) e de textos em sânscrito (poucos na *CHANDÓGUA-UPANIXADA*, muitos no *MAHÁ-BHARATA*, exclusiva e notóriamente no *PANCHATANTRA*, *HITOPADEXA*, e «*Mar dos rios dos contos*», além de outros textos).

Játaca, *GĀTAKA* em páli e em sânscrito, significa «nascimento, natividade»; e diz-se especialmente do nascimento de Buda em tempos anteriores ao da sua última vinda ao Mundo. Por Játacas (Os Játacas) se entende a collecção de histórias de Buda nesses tempos antigos, pois játaca «nascimento» e avadana «gesta, feito illustre», são nomes com que se designam os contos que referem pas-

dos da vida de Buda, seus feitos, doutrina exposta por parábolas e apotegmas, circunstâncias e lugar dos factos, para se tirar da «lenda e narrativa» todo o «proveito e exemplo». (Veja-se o que diz *Léon Tietz*, AVADĀNA-CĀTAKA, in ANNALES DU MUSÉE GUIMET, tómo XVIII, a pág. IX-XII).

Encontram-se os jâtaças em livros canónicos do Budismo, que em páli se chamam PĪTAKA (no plural diremos *pîtacas*, *i. e.* «cestos»; acêrca da origem desta denominação veja-se *V. Trenchner*, PAI MISCELLANY, I, 67-69, com o qual concordam *Rhys-Davids* e outros palistas; deve entender-se «tradição transmitida como o cesto que se atira e passa de mão para mão»). São os *pîtacas* as declarações de Buda, o seu *testamento* aceito e transmitido pelos discípulos e apóstolos da sua doutrina e ensinamento, como é *testamento* o que nos ficou de Cristo. Estão coligidos os jâtaças em obra volumosa (6 volumes e 1 de índice, em 8.º), trazida a lume por Fausböll

(1877-90). Na tradução de muitos se tem exercitado a diligência de escolares distintos. Dois pelo menos dêsses *pîtacas* datam do século IV antes da era cristã. Mas as lendas dos jâtaças são em grande parte de época anterior a Gótama (ou Gátama), o Buda, *i. e.*, «o iluminado, o sábio», e portanto anteriores ao século V antes da nossa era. Foram aproveitadas essas lendas no doutrinamento búdico por meio de parábolas e apotegmas, tal como é attribuído ao mesmo Buda e aos continuadores que prégaram a doutrina do Mestre.

Tornaram-se portanto os apólogos, as parábolas, as fábulas, os contos, de maior popularidade. Escreveram-se livros de moral, de «proveito e exemplo», o mais divulgado dos quais é o que em sânscrito tem o nome de PĀÑĪKĀNTRA (*Panchatantra*), *i. e.*, «Cinco secções ou livros (de contos, apólogos, etc)».

IV

BASE PRIMORDIAL DA NOVELÍSTICA
DA IDADE-MÉDIA EUROPEIA

A crítica filológica ensina que a obra conhecida hoje pelo nome de Panchatantra é como que fragmento de outra, em doze secções ou livros, tão afamada como repositório da sabedoria dos Índios, que, no século vi da nossa era, Cósroes Nuxirvan ordenou que ela fosse dada em pélevi, língua literária da sua cõrte. Foi Barzoi (em grego escreveu-se Παρζοί), médico do rei sassânida (531-579), quem por obediência a trasladou ou imitou e acrescentou. (Veja-se *Albiruni*, cap. xiv, no fim; na trad. de *Sachau*, ALBERUNI'S INDIA, pag. 159; veja-se mais nesta ed. pág. xxxiii).

Na corrente indiana derivada d'êste manancial se filia a melhor parte da dicacidade e descomedimento, ao mesmo

tempo graça e observação natural, que tanto caracterizam a literatura faceta, sarcástica, pungente, desenvolta, licenciosa por vezes, todavia grave, melancólica, outras vezes, ou viva e forte, da Idade-média. Exemplos são: *Chaucer*; *Shakspeare*, *Boccacio*, *Straparola*, *Doni*, *Firenzuola*, o conde *Eberhard*, *Rabelais*, e muito depois *La Fontaine*, e na nossa península principalmente *Dom João Manuel* e o portuguesíssimo *Gil Vicente*.

A obra de Barzoi perdeu-se; conhecemo-la apenas por duas traduções, uma siríaca, do ano 570, outra árabe do ano 750, das quais se dirá no § v. Perdeu-se também a obra em sânscrito de que Barzoi tirou o texto em pélevi; nem o título lhe conhecemos. Mas, comparando aquelas duas traduções, siríaca e árabe, com o *Panchatantra* actual, vê-se que podemos dizer que: a base primordial da novelística da Idade-Média está no *Panchatantra*.

V

VIA HISTÓRICA
PELA QUAL A NOVELÍSTICA INDIANA
VEIO PARA A EUROPA

Da versão pélevi derivaram numerosas traduções. Digamos de duas: uma em siríaco antigo, no ano de 570, outra em árabe, cêrca do ano de 750. Ambas têm, cada uma em sua linguagem, o título de CALILA E DIMNA. A versão árabe é para nós de interesse absoluto. Foi seu autor *Ruzbé* ou *Abdala ben Alnocafa*, Persa convertido ao Islamismo, cuja vida decorreu no tempo do califa Almançor, e cuja morte foi aí por 760. É a versão conhecida mais geralmente pelo nome de FÁBULAS DE BIDPAI ou FÁBULAS DE PIRPAI.

O nome de *Calila* (Kalilag em siríaco, com forma persa antiga; Kalilah em árabe), e o nome de *Dimna* (Dammag, siríaco; Dimnah, árabe) correspondem aos nomes em sânscrito Ka-

ratakā, Damānakā (*Carātaka, Dāmānaka*). São estes os de dois chaceais que figuram proeminentemente no primeiro tantra ou livro dos cinco do Panchatantra; quem primeiro identificou estes nomes foi Ch. Wilkins, em a nota de pag. x da tradução (a primeira que se deu em linguagem europeia) do Hitopadexa, em 1787. Veja-se *Berley*, na introdução escrita na obra de *Bickell*, KALMAḠ UND DAMNAḠ, pág. XLIII-IV, nota, e confronte-se com a pág. xxxi de THE FABLES OF BIDPAI, de *J. Jacobs*.

Os nomes de Bidpai, Pilpai provêm do nome siríaco Bid-Vaḡ, e árabe Bid-Bah; e ambos estes são reflexos do sânscrito (*Vidīā-pati*) Vidīā-pati «senhor da vidia, i. e., sabedoria». Vidīā-pati é nome comum, mas no Panchatantra nome próprio do pándita ou sabedor da cõrte do rei índio, que, como David recebia de Natan, recebia do bráhmãne ensinamento por parábolas, apólogos, fábulas, contos, e apotegmas tirados do saber antigo.

A tradução árabe foi passada a siríaco (século x ou xi), a grego (1080), a persa (c. 1120), a hebraico (uma das traduções é do século xiii), a castelhano (c. 1251). A versão persa influu indirectamente na Europa, depois de ter sido ainda reeita em persa e correr com o nome de Luz DA ESTRÉIA CANORO, e de ter sido esta lição traduzida em turco e correr com o nome de Livro IMPERIAL. Este texto influu depois na Europa pela tradução que d'êle fizeram em francês *Galland* em parte (1725), e no restante *Cordonne* (1778). E a obra conhecida como FABULAS OU CONTOS DE BIDPAI (CONTES DE BIDPAI). Das versões hebraicas uma é de um rabino *Joel*; não lhe sabemos a data. A versão castelhana é atribuída a *D. Afonso, o Sábio*, (CALILA E DYMNA, dada à estampa por *D. Pascual de Gayrango*, Madrid 1859); porém *Joseph Jacobs* (in JEWISH CHRONICLE, 3 de junho, 1885; confronte-se in THE FABLES OF BIDPAI, Bibl. de Carabas, pág. xxv, do mesmo *J. Jacobs*) attribui o trabalho em castelhano ao

corpo de judeus tradutores de obras científicas árabes, criado por D. Afonso em Toledo.

A versão hebraica de Joel foi passada a latim por *João de Cápuia* em 1270, e o nome é DIRECTORUM VITAE HUMANAE, ARIAS PARABOLA ANTIQVORUM SAPIENTIVM (dado à estampa por *J. Derembourg*, Paris 1887-89).

São estas versões— a castelhana, de D. Afonso o Sábio, e a latina, de João de Cápuia— as principais que deram reflexo de luz indiana, vinda do Panchatantra, à novelística da Espanha. Outro texto, porém, veio à nossa península trazer-lhe não só contos e apólogos búdicos, mas a lenda do próprio Buda e doutrina búdica. É este texto a célebre LENDA DOS SANTOS BARILÃO E JOSAFATE. Não tem ela importância imprescindível para o assunto que tratamos relativo a Gil Vicente; mas no tocante à novelística indiana é de interêsse capital. Dá-se aqui apenas um brevíssimo resumo do que ela seja; e notemos que o ponto de par-

tida do texto, de que vamos falar succintamente, é ainda a côrte dos sassânidas, a língua originária o pélevi, e o século o mesmo em que Barzoi foi à Índia em demanda do livro em que se continha a sabedoria dos Índios.

VI

A LENDA
DOS SANTOS BARIÃO E JOSAFATE

No século VI da nossa era, na parte do império sassânida, fronteira da Índia, a Bactria antiga, o actual Afganistão, disputavam primazias três religiões: o Zoroastrismo, o Budismo e o Cristianismo. A preponderante era o Zoroastrismo, mas os prosélitos feitos pelas outras duas religiões cresciam em número e qualidade. Budistas e cristãos apostolavam por obras e escritos. Na lingua litteraria da côrte dos sassânidas, o pélevi, escreveram os budistas um livro da vida de Buda intitulado Livro de IudasaF. Está hoje demonstrado que este nome de *IudasaF* corresponde ao sâncrítico *Bodhisattva* (Bodisátua) cuja significação é «da natureza da bódi», e cujo emprêgo é, como qualificativo, próprio da designação de «aquele que pos-

sui a *bódi*, o saber, as qualidades da *bódi*, *i. e.*, sabedor iluminado, aquele que chegou ao estado santo necessário para ser *Buda*», e designa um «futuro *Buda*».

Os cristãos, vendo que este livro se tornava extraordinariamente popular, entenderam que seria conveniente dar-lhe feição cristã. Adaptaram ao Cristianismo a tradição búdica, e aproveitaram do livro parábolas, apólogos e fábulas, que o enriqueciam e lhe davam aura popular, tão necessária a favor da luta, em que se empenhavam para vencer os adversários. Mas, porque seja oposta à doutrina cristã a búdica de que o homem pode chegar ao conhecimento das mais sublimes verdades só pelo esforço próprio, os cristãos inventaram um intermédio que tocasse com a unção e graça divina Iudasaf. Foi esse intermédio um suposto *Belahlar* que na lenda cristianizada é quem doutrina o pagão Iudasaf.

Escreto em pélevi o LIVRO DE IUDASAF E ВЕЛHЧHАК, foi este depois trasladado a

siriaco, e, na tradução, mais cristianizado. Do siríaco foi vertido para arménio, e georgiano, e serviu assim de base à tradução grega, feita por um certo João, de Sam Saba, lura próxima de Jerusalém. Êste nome de João concorreu muito para que a versão grega fosse atribuída à pena de S. João Damasceno, o qual exercera alto cargo na côrte do califa Almançor, no século viii, e portanto dois séculos depois de o livro originário ter servido já no apostolado búdico.

A 1.^a edição do texto grego é a de *Boissonade* nas ANECDOTA GRAECA, Paris, 1829 sgs., vol. iv, reimpressa na PATROLOGIA GRAECA, de *Migne*, tómo xcvi. Traduções estimadas são: lat. século ix, *ut infra*; franc. de *G. Jean de Billy*, HISTOIRE DE BARLAAM ET DE IOSAPHAT, etc., Paris, 1574; alemã de *Feix Liebrecht*, DES HEIL. JON. V. DAMASCUS BARLAAM UND IOSAPHAT, 1847. Confronte-se com o texto grego a crítica feita por *Schubart*, WIENER JAHRBÜCHER, vol. lxxiii.

Építome tirado da versão latina é o do século XIII: é de *Vicente de Beauvais* ou *Vicentinus Bellonicensis*, no SPECULUM HISTORIALE (Estrasburgo, 1473). Outro é o építome escrito por *Jacob de Foragine*, que se lê na LEGENDA AUREA, do século XIII, e cuja edição mais estimada é a de Paris, 1475. Seguiram-se outros resumos; assim em: VITAE PATRUM (de *Rosweydi*, 1517, pág. 186 sgs.), FLOS SANCORUM, etc.

Alguns resumos appareceram também logo então em português. Publicámos um, em 1898, por ordem da Academia Real das Ciências; o manuscrito donde o tirámos a lume é do códice 266 da Torre do Tombo, o qual pertenceu ao Mosteiro de Alcobaça. Julgamos que seja do século XIV-XV. Infelizmente faltam nestes resumos os apólogos, as fábulas, que tanto perfume dão ao texto grego.

A versão latina, BARLAAM ET JOSAPHAT, no século IX, foi tirada deste texto por *Anastasius Bibliothecarius*, e impressa

três vezes no século XV. Deu a tradução castelhana de *Solorzano*, em 1608, e esta foi a base do drama de *Lope de Vega*, BARLAN Y JOSAFÁ, e do drama de *Caldéron de la Barca*, LA VIDA ESURENO.

As CONFISSÕES, de *Tolstói*, prendem-se aos textos eslavos provenientes do mesmo texto grego.

Quanto à Igreja, Buda, com o nome de *Josafate*, ficou tido como santo, cujo dia está marcado nas Vidas dos Santos a 27 de novembro. Veja-se por exemplo VIE DES SAINTS, do Padre da Companhia de Jesus, *Jean Croiset*, vol. II, pág. 705 sgs., edição de Lyon, 1702. Veja-se o que diz *Henry Yule*, na obra marginal THE BOOK OF SER MARCO POLO THE VENETIAN, 1874, II, pág. 308: «in Palermo is a church bearing the dedication *Divo Josaphat*». *Max Miller* e outros têm dado a Laboulaye (1859) a honra de ter sido este quem primeiro identificou a lenda de *Josafate* com a de Buda. O coronel *Yule* porém fez-nos, a

nós Portugueses, a justiça de os corrigir, demonstrando que muito antes já o nosso Diogo do Couto (DECADAS DA INDIA, v, livro vi, cap. 2) assentara a identidade (2. l.). Tão sómente, como era natural, o cronista português julgou ser a lenda indiana de origem cristã. A lenda, na forma mais antiga hoje conhecida, encontra-se no *Lalitā Vistara* e nos *Jātakas*. (Veja-se a tradução feita do tibetano por *Ph.-Ed. Koussik*, HISTOIRE DU BOUDDHA SAKYA MOUNY, Paris, Duprat, 1860, cap. vi sgs., especialmente cap. vii, pág. 105 sgs., cap. xiv, pág. 180 sgs., e cap. xv; e nova edição in *ANNALES DU MUSÉE GUIMET*, vol. vi. Veja-se mais: *H. Clarke Warren*, BUDDHISM IN TRANSLATIONS, Cambridge, Mass., 1896, pág. 48 sgs., 56 sgs. *Rhys-Davids*, BUDDHIST BIRTH STORIES, London, Trübner & Co. 1880, pag. 58 até 78. *Oldenberg*, BUDDHA, 2.^a ed. al., pág. 104 sgs., todo o cap. II. Confira-se com isto, TEXTO CRÍTICO DA LENDA DOS SANTOS BARLAÃO E JOSAFATE, Lisboa, Academia Real das Ciências,

1898, pág. 5 a 8, linha 6; e como críticas filológicas mais notáveis do texto grego da «Lenda»: NOTICE SUR LE LIVRE DE BARLAAM ET JOSAPHAT de *H. Zotenberg*, 1886; BARLAAM UND JOSAPHAT de *Ernst Kuhn*, 1893; artigo de *Gaston Paris* em «La Revue de Paris», 1895, 1.^o de junho; BARLAAM AND JOSAPHAT, de *Joseph Jacobs*, 1895, e acerca d'êste a crítica no «Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland», abril, 1896; THE STORY OF BARLAAM AND JOSAPHAT, de *Macdonal*, Calcutta, 1895; o artigo de *F. C. Conybeare*, junho, 1896, «Folk-Lore»; o artigo de *F. de Haan*, nas «Modern Language Notes», janeiro, 1895; veja-se a notícia dada por *Méndez y Pelayo*, «Revista crítica de Historia y Literatura Española», abril, 1895; *H. Zotenberg und Paul Meyer*, BARLAAM UND JOSAPHAT FRANZÖSISCHES GEDICHT DES DREIZEHNTEN JAHRHUNDERTES VON GUY DE CAMBRAVNERST ANZÜGEN AUS MEHREREN ROMANTISCHEN VERSIONEN, in «Bibliothek des Li-

teraischen Vereins», Estugarda, 1864;
ZUM BARLAAM UND JOSAPHAT DES GUT
VON CAMBRAI, *Arnold Krause*, Berlin,
1899. *Vide*, quanto aos nomes Josafate
e Avenir (pai de J.), *Ernst Windisch*,
MÄRA UND BODDHA, 211, 303).

VII

TEXTOS
COM QUE DEVEMOS DE CONFRONTAR
O AUTO DA MOFINA MÉNDEZ

Antes de ser dada em castelhano a versão árabe do Calila e Dimna, era já conhecida em Espanha no século xi. Referese a ela, no comentário que escreveu ao Pentateuco, *Iehu ben Biteam*, gramático e exegeta que vivia em Sevilha (*Derembourg*). As relações de Portugal com a Espanha eram de molde para se conhecer aqui a tradição oriental, que já então corria entre os nossos vizinhos. Um príncipe espanhol, homem de tão boa espada como boa pena, imitava em obra estimada o Calila e Dimna; foi êle o famoso D. João Manuel, sogro de D. Pedro I, de Portugal, e pai de D. Henrique Manuel, o irmão de D. Constança, com a qual D. Pedro casara. Acolheu-se a Portugal D. Henrique, e conde foi aqui de

Seia e de Sintra e senhor de Montalegre e de Cascais.

A obra de *Dom João Manuel* a que me refiro é o *LIBRO DE PARRONIO* ou *CONDE LUCANOR*; é um tesouro de exemplos, ameno de assunto e agradável de forma, que o tornaram mui popular. Nele se encontra o apólogo, que o nosso Gil Vicente converteu no episódio da Moфина Méndez, de que o auto de «Os Mistérios da Virgem», como o poeta lhe chamou, tirou o nome com que veio a correr no mundo literário. Existia o texto já na Livraria de Dom Duarte, como se vê do *Livro do Cartuxa de Espora* (MS. da Bibliot. Nac. de Lisboa, L-6, 45; no fôlho 164 lê-se a designação «Titulo dos Livros de Ifigvagem do Claro Rey D. Duarte», e no fôlho 165, «O Livro do Conde Lucanor»).

No século xv era tão conhecido o apólogo que andava já em forma de prolóquio; e dêle se serve como de adágio *Rabelais* (*GARGANTUA*, cap. xxxiii), comparando o mau resultado de empreendi-

mentos feitos no ar, à farça da bilha de leite da estouvada. *Lope de Rueda* escreve depois (século xvi) um entremez cuja base é o mesmo apólogo, *Las AZEITUNAS*, representado pela primeira vez em 1560. E a Europa reconhece ainda o mesmo apólogo, quando no século xviii lê *As Mir e Uma Noites*, no conto de Anaxar, Noite 176.

La Fontaine havia então já escrito o formosissimo poemazinho de *LA LARTIÈRE ET LE POR AU LAIR*, segundo a obra de *Bonaventure Des Periers*, *NOVELLES RECREATIVES ET JOYEUX DEVIS* (séc. xvi).

No século xiii também João de Cápuia, Judeu convertido ao Cristianismo, havia dado o apólogo na tradução que fez, do hebraico para latim, do livro de Calila e Dimna, com o título *DIRECTORIUM VITAE HUMANAЕ*, ALIAS *PARABOLA ANTIQUORUM SAPIENTUM*. João de Cápuia não é estranho a Portuguezes. Conhecera na Itália o arcebispo de Braga D. Martinho de Oliveira, successor de D. Telo (fale-

cido a 23 de março de 1292); ao arcebispo português oferecera obra sua, a versão latina do TAISIR DE AVENÇOR (*De-renbourg*).

Na Biblioteca de Alcobaca havia, além do que deixamos dito haver ali, obra (Cód. 241, Bibl. Nac. de Lisboa) de outro Judeu converso, *Pedro Alfonso*, (séc. xi) autor da *DISCIPLINA CLERICARUM*, escrita com admirável e sagaz aproveitamento da fabulística indiana. Ele mesmo escreveu «... ego libellum compegi, partim ex proverbiiis philosophorum, et suis castigacionibus; partim ex animalium et volucrum similitudinibus, etc.» (pág. 11, col. 2.ª do tomo II da BIBLIOTHECA HISP. Vetus de *D. Nic. Antonio Hispalense*, Madrid, 1788).

Do que fica dito devemos concluir:

Chegara a Portugal a corrente indiana, pelo menos logo em principios do século XIII e encontramo-la ainda no século XVII. Chegou e demorou-se, trazida, quanto a via literária, indirecta, por livros, de alguns dos quais os autores estavam em

relação com Portugueses; e occupou lugar nas bibliotecas monásticas, cujos leitores tanto influíram na literatura portuguesa.

No século XV apparece nesta parte da Península o poeta português Gil Vicente. Era homem douto, sabedor de humanidades e como tal estimado; homem lido em obras notórias no seu tempo, delas se aproveitava a ponto de zollos o alcunharem de plagiário; nas composições cénicas e no desempenho delas era tal que Erasmo disse que elle era o melhor imitador de Plauto. Natural é pois encontrar-se em Gil Vicente o aproveitamento de obras estimadas, que haviam dado à literatura europea tão singular feição na Itália, em França, em Inglaterra, em Espanha.

E na verdade, o *AUTO DA MOFINA MÉNDEZ*, comparado com passos do *CALILA É DYMNA*, do *DIRECTORIUM*, e do *LIBRO DE PATRONIO* ou *CONDE DE LUCANOR*, mostra-nos que Gil Vicente conheceu estes dois textos. Mas nem por isto merece cen-

sura que não houvessem merecido Bocacacio, Rabelais, D. João Manuel, e não mereçam outros que depois d'ele vieram e a cujas obras, de uns e outros, a corrente indiana deu primores delicia-dos, assim por exemplo as de La Fontaine.

VIII

PASSOS DA MOFINA MÉNDEZ
DEVIDOS À
NOVELÍSTICA INDIANA

Os passos do AUTO DA MORFINA MÊN-
DEZ, em que Gil Vicente imitou os textos
que ficam citados, são a *fala do Frade*,
com que abre o auto, à maneira de pró-
logo ou pregação, e *as cousas que diz*
Mofina Méndez com o pote de azeite à
cabeça, e andando entevada no baile.

Arrenga o frade de quem julga adi-
vinhar o futuro :

«Dizem namn vos enganeis
letrados de rio torto,
que o por vir não no sabeis
e quem nisso quer por peis
tem cabeça de minhoto».

(Fol. xx v.)

e mais adiante põe o exemplo do ma-
rido fatuo que, antes do filho nascido, já

cogita em que há de ser filha ou filho varão e com quem se parecerá:

«se tês prehe tua molher e per ti o composeste, queria de ti entender em que ora ha de nacer ou que feyções ha de ter esse filho que fizeste.

Não no sabes, quanto mais cometerdes falsa guerra presumindo que alcançaes os secretos divinaes que estam debaixo da terra,»

(Fól. xx v a XXI).

Tudo isto vem a propósito de se condenar o sandeu, que, por conjecturar de cousas futuras, perde os bens presentes. Com igual intuito nos apresentam o fabulista do Calla e Dimna e o Directório o marido que se alegra de ver grávida a mulher a quem julgava estéril, o que seria para êle condemnação de seus peccados, — como diz Gil Vicente:

«Se filhos aver nam poderes,
nem filhas por teus peccados,

.....»

(Fól. XXI, col. 1.^a).

Dito isto pelo frade, annuncia êle a obra de *denaçam* que vai ser representada Os MYSTERIOS DA VIRGEM. Esta parte é estranha ao Calla e Dimna, ao Directório e ao Livro de Patrónio. Mas naqueles dois textos para confirmação da sã doutrina de não se dever falar daquilo que se ignora, nem tentar descobrir as obras futuras de Deus, conta a mulher grávida ao marido a História do eremita sôbre quem se entornou o pote do mel (= pote de azeite, no Auto da Mofina Méndez).

CONFRONTO COM O CALIA E DIMNA

IX

Lê-se no CALILA É DYMNA (pág. 57,
ed. de *Garrangos*):

Dicen que habia en una tierra un religioso,
et habia una mujer que estovo gran tiempo que
non se empreñó, et hóbese al fin de empreñar,
por lo cual el religioso fué muy alegre é dijo á
su mujer: Alégrate, que fío por Dios que parirás
fijo varon, cumplido de sus miembros, con que
nos alegremos é nos aprovechemos; et yo quiero
ir buscar ama que lo crie, é visitar á los sábios
para que me digan el nombre que le tengo de
poner. Dijo la mujer: ¿Quién te pone en fablar
en lo que non sabes si será ó non? Cállate, é sei
pagado de lo que te Dios diere; que el home
entendido non asma las cosas non ciertas, nin
júdga las aventuras; ca el querer et el asmar en
solo Dios es, et quien júdga las cosas ante que
sean, acásciele lo que acasescío al religioso que
vertió la manteca é la miel sobre su cabeza. —
Dijo el religiozo: ¿Como fué eso? —

Del religioso que vertió la miel et la manteca
sobre su cabeza

Dijo la mujer : Dicen que un religioso habia cada dia limosna de casa de un mercador rico, pan é manteca é miel et otras cosas, et comia el pan é lo áil condesaba, et ponía la miel é la manteca en una jarra, fasta que la finchó, et tenía la jarra colgada á la cabecera de su cama. Et vino tiempo que encareció la miel et la manteca, et el religioso fabló un dia consigo mismo, estando asentado en su cama, et dijo assi : Venderé quanto está en esta jarra por tantos maravedís, é compraré con ellos diez cabras, et empreñarse-han, é parirán, á cabo de cinco meses; et lizo cuenta de esta guisa, et falló que en cinco años montarían bien cuatrocientas cabras. Desí dijo : Venderlas-he todas, et con el precio dellas compraré cien vacas, por cada cuatro cabezas una vaca, é haberé simiente é sembraré con los bueyes, et aprovecharme-he de los becerros et de las fembras é de la leche é manteca, é de las mieses habré grant haber, et labraré muy nobles casas, é compraré siervos é siervas, et esto fecho casarme-he con una mujer muy rica, é fermosa, é de grant logar, é empreñarla-he de fijo varon, é nacerá cumplido de sus miembros, et criarlo-he como á fijo de rey, et castigarlo-he con esta vara, si non quisiere ser bueno é obediente.—

E él deciendo esto, alzó la vara que tenía en la mano, et ferió en la olla que estaba colgada encima dél, é quebróla, é cayóle la miel é la manteca sobre su cabeza. Et tú, home bueno, non quieras desear é asmar lo que non sabes si ha de ser.

X

A PARÁBOLA
TRADUZIDA DO SÂMSCRITO,
DO PANCHATANTRA

No Panchatantra êste último apólogo é V, 9, na edição dada por Kielhorn e Bühler, Bombaim, 1885; no último fascículo (Dr. Bühler, 3.^a ed.) pág. 56-57. Traduzo-o como se segue:

«Numa certa cidade morava um brâhmane por nome Infeliz-dele¹, o qual tinha um pote cheio com restos de jantares e com a farinha que recebia de esmolas. Dependurou-o num gancho, por cima do catre em que dormia, e estava sempre a olhar para êle. Então, uma noite, estando a dormir, cuidou: Está bem cheio de farinha êste pote! se houvesse uma fome ainda êle me rendia umas cem rupias! E eu comprava com elas uma cabra e um bode, e, como as cabras parem

¹ Em sânscrito Svabhava-kṛpāṇa, «infeliz (kṛpāṇa) de sua condição (sva-bhāva)», E o mesmo que «molton». Há nisto mera coincidência.

de seis em seis meses, em facto de cabras se me tornaria o par. Com as cabras comprei muitas vacas, com as vacas búfalos, e com os búfalos éguas; e com as crias das éguas terei eu muitos cavalos, que vendidos me darão grosso dinheiro, e com o dinheiro terei uma casa de salas nas quatro faces e um pátio ao meio. Virá então a minha casa algum bráhmã que me dê a filha de graças cheia e com bom dote: e dela terei eu um filho; e ao filho porei o nome de Soma-Xárman. Quando êle tiver idade de engatinhar, hei de eu pegar num livro e assentar-me a lê-lo por detrás da estrebria. Entrementes Soma-Xárman, ao ver-me, descendo do colo da mãe para engatinhar e vir ter comigo, pode correr o risco de ficar debaixo das patas dos cavalos. Então eu, furioso, grito à bráhmã: tira daqui o rapazinho! mas ela, afadigada com a lida da casa, não ouve a minha voz e eu levanto-me e dou-lhe um pontapé.

E como estivesse com estas imaginações, de facto deu um pontapé e quebrou o pote e ficou todo branco de farinha.

Por isso digo:

Quem faz planos irrealizáveis de futuro, fica branco na cama como o pai da Soma-Xárman.

Temos em Portugal um prólogo singularmente semelhante à «moral» deste

conto; e é «Agora chora na cama que é sitio quente». Donde veio? não sei. Mas é certo que o prólogo é quase sempre a forma a que fica reduzido o conto. Assim por exemplo, todos os três prólogos: «Quem não quere ser lobo não lhe veste a pele», «Por cuidar morreu o burro (ou um burro)», «Pelo zurro o burro (recorde-se a sátira de Almeida Garrett contra a Academia R. das Ciências!)», são vestígios da fábula do «Burro coberto com a pele do Leão», a qual se encontra nos seguintes textos: Játaças, n.º 189, (um dos mais antigos; traduzido do páli a pág. 262 do tomo II do vol. II do meu CURSO DE LITERATURA E LINGUA SAMSCRITICA CLÁSSICA E VÉDICA), Avadanas (*ibidem* a trad. fr. de *Stanislas Julien*), Panchatantra, IV, 5 (ed., *Kielhorn e Bühler*), Hitopadexa, III, 2 (ed. *Max Müller*), Esopo (ed. de Lipsia), 141, etc.

Voltemos à *Mofina Méndez*.

A redacção mais próxima das *cousas que diz Mofina Méndez* é a do mesmo

apólogo dada por D. João Manuel. Dá-la-hemos logo; antes, porém, cumpre-nos transcrever do Directorio o trecho respectivo ao que fica dado do Calila e Dimna; porque temos por certo que Gil Vicente não conheceu a tradução castelhana dêste texto, mas conheceu a obra de João de Cápuia.

XI

A PARÁBOLA
SEGUNDO JOÃO DE CÁPUIA

A parábola corre assim (ed. de Derenbourg, pág. 217-219):

«Dicuntur fuisse in quadam civitate viri boni et recti, quorum unus erat heremita bonus et colens deum, cui erat uxor sterilis. In processu vero dierum concepit mulier, de quo gavius est heremita non modicum, dicens uxori sue: Gaudere et exultare debes, cum nascetur nobis filius qui, deo auxiliante, anime nostre erit restitutor et solacium nostri corporis et cordis, quem regam bona doctrina; et crescet in bonis moribus et fama et magnificabit deus nomen meum in ipso et relinquam post me bonam memoriam de me. Et respondes mulier ait ad eum: Nequam loqui debes de eo quod nescis, nec tibi fas est hoc dicere. Quis enim te certificavit, si perperero aut non? et si masculum perperero aut feminam? aut utrum vixerit natus aut qualis erit ratio pueri eiusque distractio? Relinque igitur hec et spera in domino et expecta eius volun-

latem; nam vir sapiens non debet loqui de his que nescit, nec indicare temptet opera divina; inutiles enim cogitationes in corde hominis sunt quamplures, consilium tamen domini confirmabitur. Quicumque enim assumit talia verbo loqui accidet ei simile quod accidit heremite cuidam super quem vas mellis effusum est. Et dixit maritus eius: Quomodo fuit hoc? Ait uxor:

Dicitur quod olim quidam fuit heremita apud quemdam regem, cui rex providerat quolibet die pro sua vita scilicet provisionem de sua coquina et vasculum de melle. Ille vero comedeat decocta et reservabat mel in quodam vase suspenso super suum caput donec esset plenum. Erat autem mel percarum in illis diebus. Quadam vero die, dum iaceret in suo lecto, elevato capite, respexit vas mellis quod super caput eius pendebat; et recordatus est, quoniam mel de die in diem vendebatur pluris solito seu carius, et dixit in corde suo: Quando fuerit hoc vas plenum, vendam ipsum uno talento auri, de quo mihi emanam decem oves, et successu temporis he oves facient filios et filias et erunt viginti; postea vero, ipsis multiplicatis cum filiis et filiabus in quatuor annis, erunt quatuor centum; tunc de quibuslibet, quatuor ovibus emanam vaccam et bovem et terram; et vacca multiplicabuntur in filiis, quorum masculos accipiam mihi in culturam terre, preter id quod percipiam de feminis de lacte et lana, donec, non consummatis aliis quinque an-

nis, multiplicabuntur in tantum, quod habebo mihi magnas substantias et divitias, et ero a cunctis reputatus dives et honestus. Et edificabo mihi tunc grandia et excellentia edificia pre omnibus meis vicinis et consanguinibus ita, quod omnes de meis divitiis loquentur. Nonne erit mihi illud iucundum, cum omnes homines mihi reverentiam in omnibus locis exhibeant? Accipiam postea uxorem bonam de nobilibus terre, cumque eam cognovero, concipiet et pariet mihi filium nobilem et delectabilem cum bona fortuna et dei beneplacito, qui crescet in scientia et virtute, et relinquam mihi per ipsum bonam memoriam post mei obitum. Et castigabo ipsam diem, si mee recalcitraverit doctrine, ac mihi in omnibus erit obediens; et si non, percutiam eum isto baculo, et, erecto baculo ad percipientem, percussit vas mellis et fregit ipsum, et defluxit mel super caput eius. Hanc protuli parabolam ut de his que nescis nom loquaris. Dicitur enim: Non exultetis de die crastino, quia nescis quid accidet hodie.

XII

DOÑA TRUJANA E MOFINA MENDEZ

A parábola de Doña Truhaña no Libro de Patrónio, de Dom João Manuel, é, me parece, a que, propriamente foi o modelo que serviu a Gil Vicente; é, pelo menos, a mais próxima de quantas conheço e tenho lido. Diz assim (pág. 337 da ed. de Gayangos):

«Señor conde, una mujer fué que habia nombre doña Truhaña, la cual era asaz mas pobre que rica, et un dia iba al mercado, et llevaba una olla de miel en la cabeza, et yendó por el camino comenzó á cuidar que venderia aquella olla de miel, et que compraria partida de huevos, et que de aquellos huevos nascerian gallinas, et las venderia, et de aquellos dineros compraria ovejas, et asi fué comprando de las ganancias que faria fasta que se falló mas rica que ninguna de sus vicinas, et con aquella riqueza que ella cuidaba que habia asmó como casaria á sus fijos et fijas, et de cómo iria aguardada

por la calle com yernos et con nueras, et cómo dirían por ella cómo fuera de buena ventura en llegar á tan grand riqueza siendo tan pobre cómo solía ser. Et pensando en esto comenzo á reir com placer que habia de la su buena andanza, et en reyendo dió com la mano en la su cabeza et en su frente, et entonce cayó la olla de la miel en tierra, et quebríose . . .»

Confronte-se na edição de Gonçalo de Argote, Sevilha, 1575. o fólio 57 e verso, de *El Conde Lucanor*.

Do livro de exemplos, de Dom João Manuel, passou êste Exemplo VII para o DIALOGUS CREATURARUM OPTIME MORALIZATUS de *Nicolaus Pergaminus*, no século XIII, corrente já, impresso em gótico, em 1480.

O Plauto português escreveu em naturalísimos versos, postos na bôca de Moíña Méndez, a quem Paio Vaz deu o pote de azeite:

MORINA MENDEZ

Younne aa feira de Trácoso
logo, nome de Jesu,
e farey dinheyro grosso.

Do que este azeite rêder
comprarey ovos de pata
que he a cousa mais barata
queu de laa posso trazer:
e estes ovos chocarão,
cada ovo dara hũ pato
e cada pato hũ tostão,
que passaraa de hũ milhão
e meo a vênder barato.

Casarey rica e honrrada.
por estes ovos de pata,
e o dia que for casada
sayrey ataviada
com hũ brial descarlata:
e diante o desposado
que mestaraa namorando:
virey de dentro baylando
assi desta arte baylado,
esta cantiga cantando.

*Estas cousas dir Moíña Méndez cóo pote dareye
aa cabeça, e andando enlevada no baylo caelle
e dir Paio Vaz:*

PAIO VAZ

Agora posso eu dizer,
e jurar e apostar
ques Moíña Mendez toda.

Pessival

E sella baylava na voda
 questa inda por sonhar
 e os patos por nacer
 e o azeite por vender
 e o noivo por achar
 e a Molina a baylar
 que menos podia ser ?

Vaisse Mojna Mendez, cantado.

MOLINA MENDEZ

Por mais que a dita mengente
 pastores nam me deis guerra :
 que todo o humano deleyte
 como o meu pote dazeyte
 ha de dar consigo en terra.

Fol. xxiii v.

De quantas imitações e paráfrases co-
 nhego do conto, episódio no auto de Os
 MISTÉRIOS DA VIRGEM, original e exemplo
 no Panchatantra (v, 9), nenhuma tem
 sabor tão delicado a não ser LA LARRIÈRE
 ET LE POR AU LAIR de *La Fontaine*. Ve-
 jam-se a pág. 145 sgs. do tômo II de

OEUVRES DE J. DE LA FONTAINE, edição
 de *Henri Regnier* (Paris, Hachette et
 Cie, 1884), quais as fontes reconhecidas
 donde o fabulista francês tirou o apólo-
 go; e leia-se a bem escrita lição de *Max
 Miller* na CONTEMPORARY REVIEW, 1870,
 traduzida em francês por *George Perrot*
 no livro ESSAIS SUR LA MYTHOLOGIE COM-
 PARÉE (Paris, Didier et Cie, 1873, pág.
 417 sgs.) Com isto se acrescentará o que
 deixo dito e se lhe dará lustre.

XIII

CONCLUSÃO.
UM CONTO DA TRADIÇÃO POPULAR
DE TRÁS-OS-MONTES

O episódio da Mofina Méndez é um verdadeiro avadana, escrito por Gil Vicente, com a intenção com que o foram os avadanas : para «proveito e exemplo»; e êsse avadana e a fala do frade são a moldura (que vale mais que o painel) em que o poeta encaixilhou o auto de «Os Mistérios da Virgem», para mostrar que deve cada um dar-se por pago do que Deus lhe der, sem conjecturar acêrca do que possa vir. Ambas as partes, a primeira e a última, do auto, são evidentemente a de um todo separado para meter de perneio o auto de «devaçam». O todo é do Calila e Dimna, e Directório, onde têm unidade as duas partes; e de nenhum outro texto.

Se não fosse êste desmembramento reconhecido, poder-se-ia supor que o poeta português se houvesse servido,

para o doutinamento, de narrativa popular, como Sócrates se serviu de narrativa esópica, a cuja prosa deu forma poética versificando-a. A corrente literária porém estava caudalosa e engrossou muito ainda depois: tal o ímpetó que trazia.

Pude até hoje confrontar o apólogo a que refiro o episódio da Moína Méndez nos seguintes textos (Veja-se o mapa sinóptico que vai no fim).

Alter Mésopus, fáb., xvi.

siraco, de 570, trad. al., pág. 53.

siraco, do século x-xi, trad.

Galila e Dinna

ingl., pág. 170.

árabe, trad. cast., cap. viii.

árabe, trad. ingl., pág. 269.

Das buch der byspel, cap. vii.

Directorium Vitae Humanae, cap. vii.

El Conde Lucanor, ex. vii.

Exemplario, cap. vii.

Hitopadexa, iv, 8 (ou 7).

La Fontaine, vii, fáb. x.

Mil e uma Noites, noite 176.

Panchatantra, scr., v, 9.

Panchatantra, tamul, pág. 208, trad. francesa.

Specimen Sapientiae Indorum, secção vi.

Existe em muitos outros textos: CONTES ET JOYEUX DEVIS, de *Bonaventure Des Periers*, DEMOCRITUS RIDENS, DIALOGUS CRAEATURARUM, ANVAR-I-SUHAILI, DEL GOVERNO DE' REGNI, etc. etc.

Na corrente popular encontra-se também, na novelística, apólogo semelhante, na Europa. É bem conhecida a versão alemã dada pelos irmãos *Grimm*, KINDER UND HAUSMÄRCHEN, n.º 164. Temos algumas versões em Portugal; reproduzo aqui a que melhor conserva o carácter e a lição, e escrevo-a tal como a ouvi da bôca de uma mulher de Trás-os-Montes, por nome Miquelina, de Águas-Frias, de Monforte, criada ao meu serviço:

«Era uma vez um caçador, e vai um dia foi à caça e viu uma lebre a dormir; e disse assim: Agora é qu'eu t'apanho; e se t'agarro vendo-te e compro um carneiro pequenino; e crío-o; e quando for grande vendo-o; e depois compro um burro; e mais crescendo o burro, vendo-o; arranho casa e caso-me; e hei de ter um filho e hei de por-lhe o nome de Diogo; e depois hei de chamar por êle: Diogo! Diô-ô-ôôôgo!

Dio-ó-óóógo ! — E vai quando assim gritava,
acordou a lebre, e fugiu-!h'a lebre ! E o caçador
só teve tempo de dizer : Lá se me vai a minha
fortuna !»

Fosse qual fosse o modelo, conto popular ou literário, devemos dizer de Gil Vicente o que Stapfer disse de Rabelais : «il reste à tout le moins au modele l'insigne honneur de lui avoir servi».

di